

XVIII

CIC

XI ENPOS
I MOSTRA CIENTÍFICA



Evoluir sem extinguir:
por uma ciência do devir



O CONCEITO DE LIBERDADE NA PEDAGOGIA ROUSSEAUNIANA: UMA ANÁLISE DO LIVRO II DO *EMÍLIO*

MOREIRA, Janete Gayer

Acadêmica do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UFPEL
janetepedagoo@hotmail.com

TELESCA, Marisa dos Santos

Acadêmica do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UFPEL
telexa@pop.com.br

PEREIRA, Silvia

Acadêmica do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UFPEL
abbaeduc@hotmail.com

RODRIGUES, Janaína Leivas

Acadêmica do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UFPEL
jana.leivas@gmail.com

SOUZA, Graciela

Acadêmica do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UFPEL
gracielasantosdesouza@gmail.com

OLIVEIRA, Neiva Afonso

Professora Adjunto da Faculdade de Educação da UFPEL
neivaafonsooliveira@gmail.com

INTRODUÇÃO:

Dentre as inúmeras crises por que passa o mundo moderno, a crise da educação é certamente a mais emblemática e a de caráter mais significativo. Inúmeras são as tentativas de propostas que visam amenizar os problemas práticos e teóricos que circundam a área educacional. Como tentativa de resolução dos primeiros, temos notícias de que várias ações são desenvolvidas, tanto no plano estatal como em nível de sociedade civil. No que se refere ao terreno da teoria, também tem sido deveras oportuna a alocação de ditos de autores clássicos que podem contribuir para reflexões produtivas sobre a crise na educação atual.

Este trabalho procura corresponder à segunda iniciativa, qual seja a de buscar produtividade nas idéias de um autor denominado *clássico*, a fim de nelas identificar possíveis soluções e respostas para os impasses em que se encontram os envolvidos com as lides educacionais.

Salientando a importância da educação familiar e escolar para a constituição de uma sociedade mais humanizada, justa, e sem violência, o presente texto busca respaldo na teoria educacional de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) com a finalidade de explorar tematicamente suas idéias acerca da formação da criança e do jovem adolescente. A atualidade das idéias e ideais educacionais de um dos pensadores mais geniais do período do iluminismo francês constitui-se num horizonte possível para pensar a problemática da educação. Rousseau foi um teórico que pensou

a formação de crianças e jovens em um nível de atendimento das necessidades da sociedade de seu tempo. Isto não quer dizer, entretanto, que seu pensar não é apropriado para pensar a educação hodierna. Pelo contrário, – e é isso que faz dele um pensador atual – sua teoria serve de base para reflexões muito frutíferas.

Rousseau acreditava que a educação começa quando começamos a viver. Por isso, a palavra *educação*, entre os antigos, possuía o significado de alimentação. O filósofo considerava a mãe como a verdadeira ama, e o pai como o verdadeiro preceptor, salientando a significância do vínculo familiar desde o nascimento. A educação excelente dependeria da harmonia e dos elos existentes entre pais e preceptor.

Este trabalho tem por objetivo analisar o conteúdo do livro II da obra *Emílio ou da Educação*, que trata da idade da natureza, ou seja, a faixa etária da criança de 2 a 12 anos. A educação deve voltar-se ao que for o mais natural possível, tornando a criança forte em todos os sentidos. Rousseau acredita que a força física desenvolvida nesta fase levaria a criança a, posteriormente, ficar forte também na razão. A criança precisa ser forte e incorruptível, evitando os excessos e contornando limites adequados a sua idade. Isso significaria viver uma vida mais adequada a sua natureza para desenvolver totalmente a sensibilidade e, conseqüentemente, a sua educação moral, intelectual e sensorial. Neste contexto, a função dos pais, ou do educador seria a de demonstrar à criança a sensibilidade e a forma ideal de aprender sobre a vida, ou seja, permitir que os pequeninos sejam capazes de tomar decisões na sua vida infantil. Portanto, para Rousseau “...é necessário que tenham as primeiras lições de coragem, provem doses ligeiras, aprendam gradualmente a suportar as grandes. (p.66)

O natural para Rousseau pressupõe a liberdade, apesar de todos os nossos atos serem regrados, vigiados e medidos. Os preconceitos e as instituições humanas fazem com que o homem fique cada vez mais frágil, e é isso que Rousseau tenta demonstrar: que a natureza nada exige dele, exceto ser feliz. E a felicidade pode significar fazer o que realmente deseja. Portanto, quando Rousseau fala em uma educação moral, adverte que, nesta fase, a criança ainda não está preparada para receber certas lições de moral. Assim sendo, em uma passagem do texto do *Emílio*, Rousseau deixa claro que pais e educadores devem respeitar a temporalidade, que é própria da natureza infantil. “*A infância tem maneiras de ver, de pensar, de sentir que lhe são próprias.* (p.86) Desta maneira, fica claro que Rousseau demonstra que a criança desperta sua sensibilidade de acordo com o seu tempo, e, na medida do possível, usará sua percepção, raciocinará sobre seu agir, aprenderá facilmente e com alegria. Provocar a curiosidade, instigar a sensibilidade de maneira que usem seus instintos a fim de que possam descobrir suas próprias necessidades, são tarefas para os pais e educadores. A liberdade deve ser compreendida a partir desses parâmetros.

Quanto ao trato da educação sensorial na fase em questão, aprendemos com o pensador genebrino que o tato, a visão, a audição, o gosto e o olfato, são elementos fortalecedores da sensibilidade. É grande a importância que ele dá à aproximação da criança com a natureza. Rousseau afirma que basta apenas estimular nos pequenos seus instintos, como o tato, o toque. Neste sentido, a exagerada proteção dos pais, pelo medo que seus filhos se machuquem, não permite o desenvolvimento pleno dos estímulos, fazendo com que as crianças não adquiram suas próprias experiências.

E este fator acontece com os demais sentidos, que abafados e reprimidos, vão perdendo, com o tempo, a sua naturalidade, tornando-se, assim, pessoas cada

vez mais fracas ao longo do tempo por não saberem como lidar com as suas dificuldades, por não saber usar estes sentidos de forma livre e natural. Fica claro que não se deve apressar nada na vida de uma criança. Acreditamos que, para Rousseau, a grande conquista da liberdade está diretamente relacionada ao educar desde os primeiros anos de vida, utilizando a natureza dos sentidos própria do homem, para conduzir suas ações. O que podemos exemplificar com uma passagem de seu livro pedagógico onde diz: “*Se as crianças ouvissem a razão, não precisariam ser educadas, mas falando-se a elas com um língua que elas não entendam estaremos acostumando-as a lidarem com palavras, a controlarem tudo o que lhes é dito, a se tornarem tão sábias quanto seus mestres, a se tornarem altercadoras e rebeldes.*”(p.84)

Se pudermos transportar a educação idealizada no *Emílio* para os dias de hoje, vamos nos deparar com a necessidade e a possibilidade de trabalharmos com uma educação voltada para a sensibilidade, onde os nossos filhos e alunos não precisariam de nenhum aparato para caminhar. Terão suas próprias idéias, buscarão suas experiências, e tornar-se-ão, assim, mais fortes para enfrentar os obstáculos que a vida lhes impõe. Tendo terminado a fase da infância, suas vidas deverão ser conduzidas tendo em vista a moral, deverão ser voltadas ao que é natural e, apartadas dos vícios e das paixões, longe estarão daquilo que a sociedade nefastamente a elas impõe.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa utiliza a metodologia da pesquisa bibliográfica, baseada na obra *Emílio*, de Jean-Jacques Rousseau e de comentadores. Procedeu-se, inicialmente, a levantamento de incidência do conceito *liberdade* no Livro II da obra pedagógica. A seguir, procedeu-se à verificação de conceitos a ele correlatos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Embora seja no Livro I do *Emílio* que Rousseau aponta diretrizes para que pensemos a educação infantil hoje, podemos afirmar que é no Livro II que encontramos, por outro lado, fundamentação filosófico-teórica consistente para pensar a formação da personalidade das crianças. Um dos conceitos primordiais com os quais o autor trabalha e a partir do qual podemos nós também hoje pensar nosso modelo educacional, é o conceito de *liberdade*. Há uma ocorrência de 28 (vinte e oito) vezes em que o pedagogo genebrino menciona a palavra *liberdade*. O sentido atribuído por Rousseau ao conceito *liberdade* no Livro II é, preponderantemente, o de *ausência de impedimento*, o que equivale dizer que são concordantes com esta faixa etária das crianças os consentimentos que podemos fazer com relação a permitir que a natureza desempenhe seu papel de educadora. Rousseau afirma que: “*Só a experiência e a impotência devem ser para ela leis.*” (p.69) Porém, isso não significa dizer que há ausência de autoridade quando se refere à figura do preceptor: “*Não façais nenhuma concessão a seus desejos porque ela o pede e sim quando tiver necessidade disso.*” (p.69)

Em outra passagem, o preceptor de *Emílio* relaciona os conceitos *liberdade* e *propriedade*. A relação trazida entre os dois conceitos revela-se pela primazia da segunda com relação à primeira. Esse “fazer valer” da prevalência da *propriedade* sobre a *liberdade* traduz-se pela exortação à compreensão das responsabilidades de ser proprietário e zelador das coisas que a natureza oferece à humanidade. “*A primeira idéia que cumpre dar-lhe é, portanto, menos a da liberdade que a da propriedade. E para que possa ter essa idéia é preciso que possua sempre alguma coi-*

sa.”(p.85) A liberdade vinculada à ausência de vigilância por parte do educador também é tematizada, mais adiante. “*Submetido em tudo a uma autoridade sempre docente, o vosso [aluno] nada faz senão a mando... em breve não saberá respirar senão de acordo com vossas regras.*”(p.212) É no final do Livro II que Rousseau traz elos de ligação entre a *liberdade*, a *felicidade* e a capacidade de conexões racionais que a inteligência infantil demonstra. Como a prenunciar uma outra formatação da *liberdade* a ser mostrada nos próximos capítulos do *Emílio – liberdade vinculada à necessidade* – Rousseau nos diz: “*Tendo alcançado toda a razão de sua idade, ela [a criança] foi feliz e livre tanto quanto a sua constituição o permitia.*” (p.170)

CONCLUSÕES

Os aspectos metodológicos da proposta pedagógica rousseuniana traduzidas tanto pela forma como ele conduz sua teoria e também pelo conteúdo exposto ao longo de sua argumentação nos permitem afirmar que encontramos respaldo teórico sólido para pensarmos a respeito dos níveis de constrangimento físico e/ou moral (falta de liberdade) a que, hodiernamente, são submetidas nossas crianças. Há uma produtividade expressiva e consistente para pensar o conceito de *liberdade* presente no modelo educacional que assumimos. Uma tal produtividade se mostra na medida em que olhamos para nosso contexto social e encontramos situações de opressão, de apartação, de desigualdade não fornecida pela natureza e que mantêm milhares de crianças à margem de possibilidades emancipatórias. Em nível de apontamentos sobre a sensibilidade social que educadores/educandos devemos ter, o genebrino também parece oferecer caminhos que nos fazem pensar nossa prática de educadores: **Liberdade e natureza**: a humanidade tem seu lugar na ordem das coisas e o roteiro ditado pela natureza e desempenhado pelo homem é o da não depravação dos costumes (p.68-69); **Liberdade em relação aos pais**: ninguém tem o direito, nem mesmo o pai de ordenar à criança uma vez que esta não é sua propriedade; os filhos são para o mundo, e a função dos pais é auxiliar o discernimento do que é o melhor para eles, já que são mais experientes e já sabem os caminhos e armadilhas da vida. Os pais devem cuidar sempre para não proteger em excesso e tampouco liberá-las por completo, agindo como um mediador das ações das crianças (p.97); **Liberdade e consciência de si**: aprendendo por si mesma, a criança toma consciência de si, distingue seus próprios limites, desenvolve suas habilidades inatas, e promove, assim, uma integração com seu corpo e mente ao mesmo tempo em que constrói sua personalidade com autenticidade (p.81); **Liberdade ligada ao sofrimento**: o genebrino afirma que o bem-estar da liberdade compensa os momentos sofridos e o bem-estar da liberdade fará a criança aproveitar seu tempo de lazer (p.63).

REFERÊNCIAS

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Do Contrato Social* (1757); *Ensaio sobre a origem das línguas* (1759?); *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* (1755); *Discurso sobre as ciências e as artes* (1749). Trad. Lourdes Santos Machado; introduções e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado. 3.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. 432p. (Coleção Os Pensadores).
ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou Da Educação* (1757). Trad. Sérgio Milliet. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. 583p.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Œuvres Complètes*. 5 vol. Paris: Gallimard, v.I 1959; v.II 1964; v.III 1964; v.IV 1969; v.V 1995. (Bibliothèque de la Pléiade)

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Projeto para a educação do Senhor de Sainte-Marie*. Editora Paraula. Porto Alegre, 1994.